

outros, de que nem sempre compreendemos como se deve cortar esse laço, de que não sabemos adaptar nossas palavras de ordem e limitar os objetivos para os trabalhadores que trazem essa espécie de uniforme, não sabemos compreender seu estado de espírito e o caminho pelo qual eles podem ser levados à luta.

É um elemento que devemos levar em conta na aplicação prática de nossa tática de exploração das possibilidades legais.

AS ORGANIZAÇÕES MILITARES E DE PROPAGANDA DO FASCISMO

Até agora falamos da formação e do desenvolvimento do Partido Fascista, descrevemos o tipo de organização, o caráter político da atividade do partido, tal como foi fixado, consolidado, após a promulgação do novo estatuto.

Assinalamos que o elemento característico é a ausência de qualquer forma de democracia interna, a ausência de debates, a ausência de uma verdadeira vida política. Vimos que sua característica é a de uma *milícia civil*, que não há qualquer elegibilidade para os cargos, que esta tem um caráter particularmente burocrático correspondente ao caráter da ditadura que liquidou as instituições democráticas e se apresentou como uma ditadura aberta. O caráter do Partido Fascista corresponde a esse caráter da ditadura: liquidação de qualquer forma de democracia.

Por isso é que a afirmação de Mussolini, copiada da de Lênin, de ter criado assim um partido de *novo tipo*, tem algo de justo. Esse elemento de liquidação de qualquer forma de democracia, de adaptação do partido às formas da ditadura, dá realmente um aspecto novo ao partido.

Deve-se sempre, contudo, levar em conta que as formas de organização desse partido não são uma coisa estável, mas formaram-se ao longo do desenvolvimento e não foram previstas por Mussolini.

A maneira como é organizado o Partido Fascista e a influência que ele exerce sobre a vida da nação têm como consequência imediata a transferência, para o seu interior, das lutas, das contradições inevitáveis, que em regime democrático se exprimiriam através da luta entre os diferentes partidos.

Hoje examinaremos uma série de organizações fascistas.

Pode o Partido Fascista, tal como está organizado atualmente, exercer um controle sobre toda a vida da nação e sobre todas as

camadas da população? Evidentemente não, por excesso de burocratismo e pelo fato de sua homogeneidade puramente externa, que o reduz a algo de seco, que o priva de uma linha que lhe permita adaptar-se às exigências de todas as camadas.

O que é, hoje na Itália, um inscrito no Partido Fascista? Uma parte desses inscritos são politicamente ativos, têm cargos, exercem uma função política. Mas se vocês pensam no grande número de inscritos, verão como a grande maioria é politicamente passiva. Apesar disto, eles aderem ao partido. Por que? Porque há toda uma série de coações que os obriga a inscrever-se. Essas coações são de dupla natureza: direta e indireta. As coações indiretas são representadas pelo fato de que, para exercer qualquer emprego público, é exigida a inscrição no Partido Fascista; a condição absoluta para ser admitido nos concursos públicos é a inscrição no Partido Fascista; hoje na Itália não se pode ser escrivão, professor primário, professor universitário, sem estar inscrito no Partido Fascista. A esfera se amplia se consideramos que este tipo de coação se estende a todas as profissões liberais: advogados, jornalistas, etc., devem ser inscritos no partido. São submetidos a esta forma de coação até mesmo aqueles que no passado tinham tido a maior liberdade: os médicos. Hoje não se pode ser médico municipal sem inscrição no Partido Fascista.

Vocês vêem assim que massa enorme de pequenos e médios burgueses entram no Partido Fascista porque trabalham, porque têm que viver e para poder viver têm que trabalhar.

Uma outra forma de coação é a coação aberta que se exerce nas fábricas, com relação aos operários. É verdade que ainda não foi estabelecido: se você quer continuar trabalhando, tem que ser inscrito. Mas, por exemplo, na admissão, entre dois desempregados, um dos quais inscrito no partido e o outro não, o fascista tem a preferência. Mesmo entre os operários as relações tradicionais anteriores sofrem certas modificações. É verdade que continua a existir um elemento comum que é a venda da força de trabalho e sua compra pelos patrões, mas nessas relações tradicionais penetram hoje elementos de organização política.

Dada essa forma de coação, quando vocês têm diante de si membros do Partido Fascista, não somente eles lhes parecem politicamente inativos, não se ocupando com política, mas vocês podem ver como esses elementos estão ligados ao fascismo por laços bem fracos. Um instrutor³¹ nos dizia, em seu relatório, que um dia se viu na presença de um empregado de uma grande associação comercial, de tipo cooperativo, que chorava. Era numa grande cidade

31. Instrutor: militante clandestino do PCI.

industrial. Que é que há?, perguntou nosso instrutor. E o outro respondeu que estava desesperado porque tinha que pagar 40 liras para se inscrever no Partido Fascista. E por que então se inscreve? Ele respondeu que tinha que se inscrever se não quisesse ser dispensado na primeira redução de pessoal. Mas então você não é fascista? Eu, fascista? Os fascistas que vão pro diabo!

Vejam este elemento. Como pode ser ele um elemento ativo? Seus laços com o *fascio* são exclusivamente de caráter econômico. No imediato, ele é fascista porque tem que manter sua família. Os laços políticos são bastante débeis.

Se vocês generalizam o caso, verão que é assim por toda parte. Se observam o quadro geral, verão que o fascismo, para controlar as massas, tem que criar outras organizações. Por que? Porque se ele não cria essas organizações, essas camadas lhe escapam ou tornam ativo o Partido Fascista. E o Partido Fascista, por causa de suas características próprias, não pode se tornar ativo sem perigo para o próprio fascismo.

Se vocês comparam a atividade dos inscritos no Partido Fascista com a atividade dos inscritos numa organização paralela, por exemplo, na *Opera Balilla*³², verão que o *balilla* é mais ativo do que o fascista. Esta particularidade salta aos olhos para todas as organizações paralelas. De um lado, temos uma grande organização de partido com uma grande massa, na qual só há um pequeno núcleo ativo. Esse núcleo serve para organizar a massa à base de interesses particulares, adaptando suas formas de organização aos objetivos concretos que o fascismo se propõe a atingir.

Toda a série das organizações fascistas pode ser classificada em três tipos: militar, propagandista-militar, sindical. A diferença entre estes três tipos não é muito acentuada. Podemos tomar como características, para o primeiro tipo, a milícia, para o segundo, os *Fasci Giovanili di Combattimento*³³, e para o terceiro, os sindicatos fascistas. Entre essas organizações, algumas participam de uma e de

32. *Opera Nazionale Balilla*: organização fascista criada em abril de 1926 com o objetivo de unificar, educar, doutrinar e disciplinar crianças até 14 anos de idade. *Balilla* era o apelido que a tradição italiana atribuía ao desconhecido moleque que, apedrejando um grupo de soldados, desencadeou com seu ato a insurreição de Gênova contra os austríacos em 1746. Os fascistas manipularam o termo, chamando de *balilla* os mais jovens membros de suas organizações.

33. *Fasci Giovanili di Combattimento*: organização de massa, criada em outubro de 1930, que abarcava os jovens entre 18 e 21 anos que não se encontravam na escola; sua função era formar — através de um processo seletivo baseado na educação militar, espiritual e moral — uma ampla reserva para as fileiras e os quadros do Partido Fascista e da milícia. Foi a organização juvenil do Partido Fascista.

outra dessas características. Os pré-militares, por exemplo, têm algo da milícia e ao mesmo tempo dos jovens fascistas, as associações do emprego público (empregados, ferroviários, etc.) estão próximas dos sindicatos, mas não são sindicatos.

Examinemos algumas dessas organizações.

Começemos pela milícia. Quanto ao material, temos muita coisa, porém precisamos de mais. Seria bom que alguém conseguisse mais. Se fosse possível, seria bom ter em mãos o estatuto da milícia.

Nos materiais que temos à nossa disposição duas coisas fundamentais não aparecem: a transformação da milícia da marcha do fascismo para o poder até hoje, a transformação de sua estratificação interna, não no que se refere às classes sociais a que pertencem os milicianos, mas aos seus deveres, às suas obrigações de caráter militar.

Existe hoje na milícia um núcleo fundamental com um serviço militar de dez anos. Este é um elemento característico. Antes não havia. Antes, a milícia era uma organização de *squadristi*. Para chegar ao ponto atual foi preciso muito tempo. O fascismo queria que num primeiro tempo a milícia o servisse como *squadristi* (não como um exército) nas ações cuja responsabilidade o Estado não podia assumir. A milícia começa a tomar sua forma atual quando o totalitarismo está em vias de se organizar em todos os setores.

Hoje a milícia tem um núcleo de soldados profissionais. Sua função é dupla: uma função de polícia política no sentido mais amplo da palavra, não-somente no sentido estritamente policial, mas no sentido de instrumento a ser utilizado na repressão social. A este respeito há uma observação a fazer: nos últimos anos o fascismo tende a não utilizar a milícia, a não ser em casos extremos. Nos pequenos movimentos ele utiliza exclusivamente a polícia e os *carabinieri*. Sente-se nessa tendência uma certa desconfiança. Nos conflitos atuais, de caráter econômico, é fácil compreender o caráter de classe, e inclusive simples camponeses podem compreendê-lo. Deriva daí o fato de que, muitas vezes, os milicianos não marcharam contra os camponeses rebelados, passaram-se para o seu lado, tiveram atitudes de simpatia para com a luta contra os patrões. Mas nesta tendência há um outro elemento: a milícia é treinada para intervir em movimentos sociais de caráter mais amplo, para intervir na guerra civil. Com esse objetivo ela é submetida a um verdadeiro treinamento. Ela é preparada para esmagar amplos movimentos de massa, não os pequenos conflitos de rua. Sua função pode ser comparada à do exército, acrescentando-se a disciplina política que lhe é imposta. A milícia é hoje treinada no emprego de todas as armas que se usam na guerra civil: fuzis, metralhadoras, tanques, etc.; além disto, ela é treinada na utilização de aeroplanos, do rádio,

de gases, etc. Ao mesmo tempo, ela é submetida a um treinamento de caráter político.

A segunda função se relaciona com a organização militar italiana. A milícia forma os quadros de futuros oficiais. Sua função é análoga à que era desempenhada na Alemanha desarmada pela *Reichswehr*, que enquadrava 100.000 homens como soldados profissionais. Há esta tendência: fazer dos milicianos um corpo que, no momento oportuno, possa enquadrar as massas. Por isso, ao estimar as forças armadas da Itália, não podemos considerar apenas o exército com seu contingente, etc. O fascismo pode até mesmo reduzir o contingente. Ele conseguiu montar uma organização militar diferente da organização tradicional dos outros Estados do continente, da francesa, por exemplo. A organização militar do fascismo é baseada na existência de quadros sempre preparados e na militarização de massa. O plano de realização desse tipo de organização tem na milícia um de seus eixos principais.

Recordemos que a estrutura social da milícia se aproxima bastante da do Exército. O fato de ela não ser mais o velho bando dirigido pelos proprietários rurais, etc., tem uma grande importância. Ela chega a incorporar grupos de desempregados, como se incorporam na França os engajados voluntários do exército. Este fato é de grande importância, pois nos abre na milícia perspectivas de trabalho análogas às que temos no Exército.

Chegamos agora às organizações de tipo não somente militar, mas também propagandístico: *balilla*, *avanguardisti*³⁴, *Fasci Giovanili*. As formações dos *balilla* admitem crianças até 14 anos; os *avanguardisti* enquadravam inicialmente os jovens até o ingresso no Partido Fascista, mas depois se deu uma separação entre *avanguardisti* e jovens fascistas. Os *avanguardisti* vão até 17 anos e os jovens fascistas dos 17 anos até a entrada no Partido Fascista.

Mesmo essa organização não se criou imediatamente, ela se formou através de toda uma série de tentativas, de experiências.

A organização dos *balilla* tivera um caráter voluntário até 1926-1927. Depois tornou-se uma organização obrigatória, mas não cem por cento, 90 por cento. Obrigavam os pais a inscrever seus filhos nos *balilla*. Se essa obrigação era infringida, havia multas, etc.

A regra geral era: inscrição obrigatória.

Entre essa organização e a do Partido Fascista há uma grande diferença: o caráter obrigatório é muito mais acentuado na primeira do que no segundo. O operário na fábrica, a rigor, não é obrigado a se filiar ao Partido Fascista. Seu filho que vai à escola deve filiar-se

34. Os *Avanguardisti* compunham outra das organizações fascistas voltadas para o enquadramento de jovens e para a formação de quadros para o Partido Fascista.

aos *balilla*. Eis o caráter obrigatório que se apresenta nessa organização. A mesma coisa se dá com os vanguardistas. A obrigatoriedade, embora um pouco atenuada, persiste também aí. Se passamos em seguida aos jovens fascistas, vemos que o caráter obrigatório subsiste e toma formas específicas. E é justamente sobre os jovens fascistas que eu queria discutir mais, para fazer compreender a diferença que existe entre essas organizações de massa e o Partido Fascista.

Quais os deveres de um membro do Partido Fascista, o que é obrigado a fazer? Deixando de lado os deveres gerais como o de amar a nação, servir à pátria, etc., ele é obrigado a fazer bem pouca coisa: participar uma vez por ano da assembléia, tomar parte em uma ou outra parada, freqüentar o círculo do bairro. Na realidade, essa freqüência nem chega a ser obrigatória.

Os jovens fascistas, ao contrário, têm antes de mais nada um uniforme, que devem comprar e usar de modo regular. Têm mobilizações freqüentes, quase todos os domingos, têm uma instrução militar, etc. Além disto, os jovens fascistas têm um enquadramento de tipo militar que abrange todos os inscritos. O chefe de equipe está permanentemente ligado a todos os jovens. Há uma hierarquia das unidades superiores até o último inscrito. Isso não existe no Partido Fascista. O jovem fascista sabe, a cada dia, quem é o chefe de equipe, sabe que este pode vir buscá-lo em casa a qualquer hora. Ele deve ir ao acampamento (no ano passado foram organizados cinquenta acampamentos de jovens fascistas); esta é também uma obrigação que os fascistas não têm.

Se vocês consideram os deveres, perceberão que nessa organização paralela de massa os deveres são muito maiores do que no Partido Fascista. Esta é a primeira característica dessa organização.

A segunda característica é representada pelo fato de que, apesar dessas obrigações maiores, ela tem um caráter de massa mais acentuado do que o Partido Fascista. Vejam o número atual dos inscritos nos *balilla*: eles atingem quase os do Partido, ultrapassam o milhão. Já em 1930 eles atingiam um milhão e 300 mil, enquanto o Partido chegava apenas ao milhão. Se levarmos em conta que ele compreende a população entre certos limites de idade, isto é, de seis a quatorze anos, enquanto que o Partido Fascista admite uma parte bem maior, esse caráter de massa aparece ainda mais acentuado. Pode-se dizer isto igualmente para os jovens fascistas. Desde sua instituição, os jovens fascistas oscilam em torno de meio milhão. No entanto eles compreendem apenas alguns anos, dos 18 aos 21. Se fizermos uma comparação com a massa da população adulta pertencente ao Partido Fascista, seu caráter de massa salta ainda mais aos olhos. E, não obstante, as obrigações são maiores. Há

aí uma aparente contradição. Como ela é resolvida? Ela é resolvida através de uma maior coação.

Já dissemos algo sobre os *balilla*. Vejamos os jovens fascistas. Eles foram instituídos num momento crítico para a organização da ditadura fascista: em 1930. É o começo da crise, há um aumento da combatividade das massas, uma acentuação do trabalho do Partido Comunista, enquanto que o problema da juventude católica ainda não foi resolvido.

Foi em 1930 que o fascismo se colocou o problema de congregar os jovens que saem das vanguardas mas não entram logo no Partido Fascista. O Partido Fascista não tem uma vida política. Os jovens não podem ser agrupados como nas outras organizações. Dos 18 anos à entrada no partido havia uma lacuna. O Partido Fascista, através da criação dos *Fasci Giovanili*, queria justamente preencher essa lacuna.

Em seu surgimento, essa organização conta com 380.000 inscritos; em 1931, pula para 800.000 (luta contra as organizações católicas), em 1932 cai para meio milhão, o que significa que perde quase a metade. 1932 é o ano de lutas particularmente numerosas, o ano do desenvolvimento do Partido Comunista, o ano em que os jovens católicos aumentaram mais do que diminuíram os jovens fascistas. É o ano, enfim, em que inúmeros jovens fascistas entraram para a nossa Federação de jovens, é o ano de nossas grandes organizações da Emília e da Toscana, etc.

O fascismo desencadeia então a reação contra nós e contra os católicos. A organização juvenil fascista ganha 350.000 inscritos. Mas em 1933 ela cai de novo para 450.000.

Essas oscilações se devem em parte à coação utilizada no recrutamento. Os jovens não têm qualquer profissão, as fábricas são fechadas, eles só têm uma perspectiva diante de si: ficar sem trabalho. Os estudantes que saem das universidades encontram todos os postos fechados diante deles. Isto forma uma massa incerta, hesitante, vacilante, fácil de ser penetrada pela ideologia revolucionária. O fascismo se esforça por entrar essa penetração.

Sobre o problema do recrutamento nos *Fasci Giovanili*, temos informações diversas; em certas regiões o recrutamento é voluntário, em outras é obrigatório. Existe, evidentemente, uma diferença. Mas quando traçamos o quadro geral, vimos que não era possível comparar as pressões exercidas para inscrever os jovens nos *Fasci Giovanili* e as que se fazem para a inscrição no partido. Aí eles não podem dizer aos jovens: se você não se inscreve não terá trabalho! Em qualquer caso os jovens já não teriam trabalho. Esta ameaça não os espantaria.

Impõem aos jovens que resolvam “voluntariamente” o problema da inscrição, por meio de pressões burocráticas, e não hesitam em recorrer até mesmo às violências. Vemos, portanto, como os jovens fascistas são muito mais utilizados em diversos trabalhos, são coagidos mais do que nas outras organizações a se inscrever, têm o máximo de obrigações e de coações. Se não se tem em mente essas coisas, não se compreende a política de nossa Federação juvenil para com os jovens fascistas. É justamente por causa dessa característica dos *Fasci Giovanili* que a política de nossa Federação juvenil em relação a eles é particularmente ousada e audaciosa.

Vejamos as organizações pré-militares. De início, elas eram mais uma organização estatal do que partidária, diretamente ligada ao exército. Era quase completamente voluntária. Ela exercia uma coação, no sentido de que quem fizesse os cursos obtinha determinadas vantagens: redução de serviço, nomeação para corpos especiais numa localidade determinada, etc. Tudo isso diminuía um pouco seu caráter voluntário.

As organizações pré-militares foram transformadas em organização obrigatória através de uma lei do Estado e imediatamente colocadas sob o controle do Partido Fascista que exerce, através delas, uma influência direta sobre os jovens. O fascismo, ao criar a organização dos jovens fascistas, não suprimiu as organizações pré-militares, conservou-as. Ele sabe que o problema dos jovens é um problema difícil e que é mais fácil resolvê-lo com duas organizações do que com uma. Com os pré-militares pode-se obter muito, mas não tudo. O mesmo se dá com os jovens fascistas, que estão particularmente sujeitos, como vimos, a fortes oscilações de seus efetivos. As organizações pré-militares devem ajudar os *Fasci Giovanili* e estes, reciprocamente, devem apoiar as pré-militares.

A última característica dessas organizações é que a parte dirigente é constituída por núcleos ativos do Partido Fascista. Temos números interessantes a este respeito. O fascismo emprega para a direção política e militar das organizações juvenis cerca de 50.000 fascistas. Se levarmos em conta que os jovens fascistas são cerca de meio milhão, veremos que há um dirigente adulto para cada dez jovens. Esse núcleo ativo, esses instrutores são geralmente milicianos, freqüentemente fascistas pagos expressamente para esse trabalho. O núcleo ativo do Partido Fascista representa o tecido conectivo de todo o regime.

Uma outra forma de ligação entre o Partido Fascista e essas organizações é o laço orgânico garantido pela direção da burocracia sobre as formações juvenis. Vocês sabem que até pouco tempo atrás os jovens fascistas deviam ser *controlados* pelos secretários dos *fasci*. Hoje já se decidiu: o secretário federal do partido deve *dirigir*

os jovens fascistas. O mesmo se dá em relação à hierarquia: o secretário do partido é comandante dos *Fasci Giovanili di Combattimento*, etc. É assim que a direção imediata do partido se exerce sobre os *fasci giovanili*.

É uma outra maneira, da parte dos fascistas, de confessar que os *fasci giovanili* representam um dos problemas mais importantes do fascismo, um dos pontos mais críticos.

Antes de falar dos sindicatos, diremos também algumas palavras sobre os grupos universitários fascistas. Eles congregam 60.000 jovens, que são todos elementos da pequena e média burguesia. Devemos lembrar, além disso, as associações fascistas às quais aderem as categorias que não têm direito à sindicalização, como os funcionários públicos, com o enquadramento totalitário de 230.000 inscritos, os ferroviários com 130.000 inscritos. Mas de todas essas organizações a mais interessante é sem dúvida a dos grupos universitários fascistas, no que se refere aos problemas internos da ditadura fascista.

Diferentemente das outras organizações, nos grupos universitários fascistas há elementos que têm tendência a ser intelectualmente ativos. Têm tendência a colocar os problemas da ditadura fascista, a discuti-los. Esses problemas não são discutidos em outra parte. Entre os dirigentes fascistas não há discussão desses problemas; ela existe, ao contrário, entre os universitários. O fascismo teve que fazer uma concessão a estes últimos: os *Littoriali* de cultura³⁵. Esta é uma das coisas interessantes do regime. Leia as resenhas publicadas nos jornais, são muito instrutivas. É verdade que essas resenhas são feitas ou revistas por jornalistas provados, mas no entanto pode-se ver como surgem certos problemas: discute-se sobre o caráter da colaboração de classes, sobre o caráter que essa colaboração assume no presente momento, se é verdade que os operários têm os mesmos direitos que os patrões, etc. Vocês vêem aflorar todos os problemas que podem por em perigo as bases da ditadura. Freqüentemente surge o problema: o capitalismo pode ou não ser superado? Fala-se do caráter da economia italiana. É verdade que se discute com os termos fascistas. Mas vocês vêem que certos grupos começam a ir além dos limites permitidos pelo fascismo e passam a uma crítica dissolvente da edificação ideológica do fascismo.

Este é um problema muito interessante do ponto de vista de nosso trabalho. Como entre os jovens fascistas, temos também aqui

35. Os *Littoriali* eram competições anuais de artes e ofícios e sobre temas políticos, organizadas pelo fascismo, que contavam com a participação de estudantes universitários. A experiência dos *Littoriali* estimulou entre alguns estudantes um alto grau de inconformismo.

a possibilidade de fazer um trabalho particular, trabalho esse que parte do terreno da discussão ideológica e tende à desagregação da ideologia imposta a esses elementos.

Vejamos agora uma questão que é o ponto de partida de toda nossa política nas organizações fascistas.

Já nos referimos às crises no interior do fascismo, às suas características, às possibilidades de trabalho que elas oferecem. Deve-se notar que, quando o Partido Fascista ainda não era totalitário, essas crises tinham características particulares; havia a resistência em sua base, a luta dos quadros da pequena e média burguesia contra a política brutalmente capitalista do Partido Fascista que começou depois da tomada do poder. Não se deve acreditar que esses elementos protestavam no interesse das massas. Forni, Padovani³⁶, etc., exprimiam o descontentamento de camada da pequena e média burguesia, grupos que aspiravam a comandar, a dirigir. Essa luta os lançava contra a organização, os levava a se rebelar contra a organização do Estado. Em alguns lugares, contudo, eles tinham características de chefes das massas, em Nápoles, por exemplo. É isto por causa das condições particulares desses locais, onde não domina o proletariado, onde há vastas camadas da pequena e média burguesia e onde existem proletários esfarrapados que podem ser mobilizados para a exaltação de um chefe, mas não com base numa plataforma política. Algumas vezes, tem-se também essa característica em outras localidades. Por exemplo, o "*giampaolismo*"³⁷, em Milão. O separatismo (*dissidentismo*) de Giampaoli apoiava-se em semidelinquentes, proletários esfarrapados, velhos *squadristi* que estavam nas fileiras da milícia e queriam o retorno das antigas *squadre* para seus próprios interesses pessoais. Mas em Milão existia também um grande proletariado industrial. Por isso é que Giampaoli colocava problemas que interessavam até mesmo aos operários: por exemplo, a representação operária de fábrica. Essa dissidência, que no início tem as mesmas características que a de Nápoles, assume, em contato com a grande cidade industrial, um outro caráter. O separatismo de Giampaoli já tem um nítido caráter sindical.

Esse caráter do separatismo, essas crises internas no Partido Fascista mudam no momento em que o Partido Fascista assume um caráter de partido único, totalitário, que se esforça por orga-

36. *Aurélio Padovani*: dirigente fascista "radical" de Nápoles, sul da Itália; afastado por Mussolini em 1923 com a finalidade de acalmar os empresários da cidade.

37. Referência a *Mario Giampaoli*, importante *ex-squadrista*, fundador e secretário regional do Partido Nacional Fascista em Milão, onde desenvolveu uma gestão autônoma e "dura", fiel aos princípios iniciais do fascismo. Foi afastado por Mussolini em 1928 e, em função dos bons serviços prestados ao fascismo, nomeado representante da Shell Oil Company no Sul.

nizar as massas e cria organizações parafascistas, militares, semi-militares, propagandistas, sindicais.

Os acontecimentos que provocam as crises tendem a assumir características diferentes. A partir de 1930, há toda uma série de rebeliões, de episódios locais, limitados, da parte dos elementos que se acham ligados à classe trabalhadora. Milicianos tomam parte em greves, fascistas fazem manifestações abertas contra os patrões, dirigem manifestações nas fábricas. Em 1930, em Milão, foram os fascistas que começaram os protestos contra os patrões.

Este é o elemento predominante, que é para nós de grande importância, e é um elemento que, mais forte do que no Partido Fascista, encontra-se na milícia (onde, embora numericamente menor, tem uma importância maior) e especialmente entre os jovens fascistas. Entre os jovens fascistas, nos últimos anos, o número de protestos e de revoltas é cada vez maior. Isto é uma consequência direta do caráter dessa organização, caráter que já assinalamos. A massa se mobiliza mais facilmente por seus interesses imediatos ou se revolta contra a opressão do aparelho, etc. Esses episódios de revolta no interior das organizações juvenis são particularmente importantes e nos oferecem um campo de ação particularmente vasto.

Há uma diferença entre os atuais episódios de revolta e de dissidência e os do passado. Antes de tudo, para ver o caráter dessas crises, é preciso uma análise profunda. Nem sempre era possível ver o elemento pequeno-burguês que se agitava. Hoje é muito fácil entrever o caráter desses movimentos.

Como exemplo, pode-se fazer uma comparação com a Alemanha. Essa comparação mostra muito bem as diferenças entre os dois tipos de ditadura e seus elementos análogos. Insisto sempre na necessidade de não confundir esses dois fascismos. O elemento fundamental de diferença é representado pelo fato de que o fascismo alemão, já antes de tomar o poder, conseguira tornar-se um amplo movimento de massa, pudera conquistar o poder por meios eleitorais em bases democráticas: democracia limitada, é bem verdade, e ainda mais limitada pela violência; mas, no entanto, ele conseguira obter mais de 40% dos votos. Este é o primeiro elemento de diferença.

O segundo elemento reside no fato de que o fascismo alemão, antes mesmo da conquista do poder, já enquadrava, além da pequena e média burguesia e dos trabalhadores do campo, as massas de desempregados e conseguia através delas estender sua influência sobre determinados grupos de operários e sobre as grandes massas camponesas.

É por isso que as crises e as lutas internas do fascismo alemão se apresentam imediatamente com outras características. Os elementos

comuns são as revoltas dos chefes fascistas da pequena e média burguesia contra a ditadura aberta da grande burguesia. Mas, na Alemanha, essas revoltas se fazem sentir mais fortemente. Elas refletem igualmente o descontentamento dos operários, dos desempregados, dos camponeses — conquistados, enquadrados ou pelo menos influenciados pelo fascismo — que acreditaram que o fascismo resolveria toda uma série de problemas, particularmente o problema da crise, e que vêem hoje que o fascismo não conseguiu resolver qualquer problema.

Tivemos esse fenômeno na Itália em menor escala. O descontentamento dos operários e dos camponeses só se manifesta nas organizações fascistas mais tarde, apenas recentemente. E isso porque a massa, no passado, era enquadrada por toda uma série de velhas organizações, enquanto que hoje ela é enquadrada totalitariamente pelo Partido Fascista e por suas organizações paralelas.

Comparem o 30 de junho³⁸ e a crise Matteotti. Há elementos de analogia; tanto num como noutro caso são mortos determinados adversários, Matteotti e alguns chefes fascistas; há oscilações das camadas da pequena burguesia enquadrada pelo fascismo: no período Matteotti, a milícia não obedece às ordens de mobilização, a 30 de junho os grupos de assalto manifestam um vivo descontentamento, têm que ser licenciados, reorganizados.

Na Itália existiam outros partidos e o descontentamento das massas se exprimia com as oscilações dos outros partidos, os partidos do Aventino³⁹. Na Alemanha há também algo semelhante, mas não é esta a característica principal. A característica principal na Alemanha é a crise do partido fascista. Tem-se uma decomposição dos grupos de assalto, das organizações de fábrica, dos grupos de proteção. Também aí a crise apresenta uma tendência de assumir o mesmo aspecto. Tende-se a reorganizar a social-democracia, os católicos, etc. Tem-se um fenômeno análogo ao da Itália no período Matteotti. Mas isso, na Alemanha, ainda é um embrião, enquanto que na Itália era um fenômeno principal. Na Alemanha, a massa já se encontra nas organizações fascistas. Na Itália, ela estava em boa parte fora das velhas organizações, mas não havia ainda ingressado nas novas.

38. Em 30 de junho de 1932, drásticas mudanças ocorrem no Gabinete chefiado por Mussolini, denunciando grave crise no fascismo. Giuseppe Bottai perde o Ministério das Corporações, Alfredo Rocco é politicamente liquidado e Mussolini assume o Ministério do Exterior.

39. Em 1924, em protesto contra o assassinato de Matteotti, os partidos da oposição a Mussolini decidiram desertar da Câmara, reunindo-se num simbólico "Aventino". O Aventino é um dos morros de Roma, para onde a plebe romana, em 493 a.C., retirou-se, em protesto contra os abusos dos patrícios, dos magistrados e do Senado.

À medida em que nos afastamos, na Itália, da tomada do poder pelo fascismo e que nos aproximamos do período atual, vemos que o descontentamento das massas tende a acentuar a luta interna nas organizações fascistas. Há cada vez mais casos de dissidência, que não se manifestam mais como antes, e sim sob a forma da luta das massas com palavras-de-ordem precisas contra as organizações fascistas e por reivindicações de caráter imediato.

Vejamos o último caso, o caso Arpinati. Esse separatismo (*dissidentismo*) já se dá num plano mais elevado do que os anteriores. Ninguém chegara ainda a formular programas de governo diferentes dos programas do Partido Fascista, nem Sala nem Giampaoli. A dissidência se limitava ao interior da Federação. Mas Arpinati propõe um plano diferente na organização da ditadura. É um progresso, progresso que é uma consequência das transformações que ocorreram no interior das organizações fascistas. Estes dirigentes estão hoje em contato com a massa, enquanto que as velhas *squadre* de 1924 e 1925 não estavam. Essas crises exprimem hoje algo de mais profundo. Arpinati exprime o descontentamento da pequena e média burguesia agrária da Emília, que constituiu a base do fascismo na Itália, pequena e média burguesia descontente porque empobrecida pelos aluguéis muito elevados, pela ruína da pequena propriedade, pela diminuição dos preços dos produtos agrícolas, empobrecida pela concorrência das grandes explorações, etc.